

# **ELEMENTOS PARA COMPREENDER AS CRISES FINANCEIRAS MEXICANA, ASIÁTICA E RUSSA DOS ANOS 1990: NOTAS TEÓRICAS PARA O DEBATE**

*Marcelo Henrick Alves dos Santos*<sup>1</sup>

Graduando em Ciências Econômicas (URCA)

marcelohenrick22@gmail.com

*Christiane Luci Bezerra Alves*<sup>2</sup>

Doutora Docente Adjunta, do Departamento de Economia da URCA

## **RESUMO**

As crises são eventos inerentes ao sistema capitalista, cujas ocorrências denotam adoção de novas técnicas de produção e novas formas de consumo. Utilizando-se de uma abordagem teórica contundente ao tema, o presente artigo tem por objetivo propor uma reflexão ao que se refere às crises mexicana (1994), asiática (1997) e russa (1998), adotando, em particular, a visão de três autores da ciência econômica e política: Karl Marx, John Maynard Keynes e Joseph Alois Schumpeter – ambos não mediram esforços intelectuais ao tratamento de momentos de instabilidade da economia. Observou-se que a gerência das políticas de câmbio e monetárias foram determinantes aos processos críticos supracitados, atingindo, conseqüentemente, variáveis econômicas importantes como consumo, investimento e desemprego nas economias envolvidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise, financeira, economia, política.

## **ABSTRACT**

Crises are events inherent to the capitalist system, whose occurrences denote the adoption of new production techniques and new forms of consumption. The objective of this article is to propose a reflection on the Mexican (1994), Asian (1997) and Russian (1998) crises, adopting, in particular, the vision of three authors of economic and political science: Karl Marx, John Maynard Keynes and Joseph Alois Schumpeter - both did not measure intellectual efforts to treat moments of instability of the economy. It was observed that the management of the exchange and monetary policies were determinant to the critical processes mentioned above, reaching, consequently, important economic variables such as consumption, investment and unemployment in the economies involved.

**KEYWORDS:** Crisis, financial, economy, politics.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Pesquisador e bolsista do PIBEX/URCA. E-mail: <marcelohenrick22@gmail.com>.

<sup>2</sup> Professora Adjunta ao Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri. Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Mestrado em Economia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; e Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente - DDMA da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: chrisluci@gmail.com.



## **1 INTRODUÇÃO**

O processo de desenvolvimento do sistema capitalista trouxe ao debate científico-acadêmico questões que lhe são inerentes, destacando suas particularidades e excentricidades, entre elas, o fenômeno das crises. Nesse sentido, teóricos de diferentes épocas e linhas de pensamento debruçaram esforços na tentativa de consolidar um arcabouço teórico a esse respeito, a exemplo das contribuições de Karl Marx, John Maynard Keynes e Joseph Alois Schumpeter.

As crises se caracterizaram como ponto de inflexão, ou momento de cisão, entre fases diferentes e irreversíveis do capitalismo, moldadas a partir da incorporação de novos hábitos de produção, consumo e circulação financeira (MARX, 1991; SCHUMPETER, 1997).

A análise histórica destes pontos faz referendar elementos da conjuntura de crise da economia mundial. Em diferentes momentos, a teoria esteve aplicada à prática. Momentos de tensão, como os aqui relacionados, podem ser registrados como na Grande Depressão de 1929, ou quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque; ou quando do choque do petróleo nos anos 1970, cujos efeitos se fizeram sentir nos países em desenvolvimento, a partir da crise do endividamento externo dos anos 1980.

O presente trabalho, em sua particularidade, procura fazer um estudo a partir de uma reflexão teórica e análise de fenômenos econômicos sobre as crises financeiras mexicana (1994), asiática (1997) e russa (1998). Estas possuem suas similaridades sequenciais, dado que desencadearam instabilidade nos mercados financeiros, fuga de capitais e perda de poder de compra no mercado externo. As economias envolvidas experimentaram a tensão entre os investidores quanto a tomada de decisões, os declínios de seus produtos e a recuperação em níveis mais baixos do que aqueles vigentes antes das crises que as acometeram.

Dada a magnitude dos fatos e suas repercussões no mercado internacional, este artigo propõe uma reflexão sobre as profundas alterações na estrutura das economias que foram o centro dos choques financeiros e a epiderme de suas crises nos anos 1990, objetivando uma análise no que tange aos novos paradigmas de interação com o mercado internacional, particularmente no que se refere a instabilidade do fluxo de capital. Neste sentido, o trabalho se encontra dividido em quatro seções, além desta introdução: na seção



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

2 é caracterizado o fenômeno da crise sob diferentes perceptividades teóricas, utilizando-se, em particular, das abordagens de Marx, Keynes e Schumpeter; na seção 3, discute-se a conjuntura macroeconômica do México, Ásia e Rússia frente as adversidades das crises que os assolaram; na seção 4, apresentam-se as considerações finais sobre o conjunto de reflexões deste trabalho.

## **2 O CONCEITO DE CRISES: DIFERENTES ABORDAGENS**

Na literatura da História Econômica, diversos são os autores que debruçaram esforços para o estudo do fenômeno das crises como objeto de estudos. De 1825 à Segunda Guerra Mundial, ocorreram diversos casos de colapsos financeiros que despertaram o interesse de estudiosos como Karl Marx (1818 – 1883), John Stuart Mill (1806 – 1873), Alfred Marshall (1842 – 1924) e John Maynard Keynes (1883-1946). Contudo, o desenrolar da história mostra que o afinco com que se convencionou estudar a temática, principalmente no decorrer do século XVIII, foi diminuindo durante o pós-Guerra. O processo de globalização entre as economias mundiais – centrais e periféricas – e a liberalização dos mercados, ocorridos no final do século XX, reinserem os estudos para o evento das crises financeiras na literatura econômica, principalmente aquelas que ocorreram na década de 1990 e ameaçaram a estabilidade política e econômica mundial do período (GONTIJO, 2011).

Na análise morfológica, o termo crise vem do grego *krisis*, que significa decisão (VILELA, 2013, p. 13). O uso da palavra passou a ser utilizado em diversas situações posteriormente, como para apontar contextos de hostilidade entre Estados. Ademais, o termo foi designado para fazer referência a situações em que há, por exemplo, instabilidade financeira, desigualdade social, descontentamento em relação à política de um governo (crise política/insatisfação popular) etc. (ESCORREGA, 2010).

“O conceito de gestão de crises começou por ser integrado nos estudos estratégicos dos anos 50 do século XX, porém o uso da expressão e do conceito como o entendemos actualmente, tem por base a crise dos Mísseis de Cuba de 1962” (VILELA, 2013, p. 24). Corroborando com Vilela (2013), Escorrega (2010) ressalta que o vocábulo passou a incorporar um caráter científico e acadêmico durante a ocorrência da Guerra



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

Fria, com a crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, quando se observou a tentativa de instalação de mísseis da União Soviética na ilha. Portanto, “a investigação científica e acadêmica sobre crises é uma prática relativamente recente”.

Para Mendes (2005), momentos críticos exigem ações determinadas de escolha, julgamento, decisão e interpretação para o desenvolvimento e conclusão de um processo inerente à ação humana.

Desta forma, a crise é um período no qual se exige que os agentes tomem medidas que possam nortear, quanto ao receituário, para que se resolva e seja concluído o período de conturbação, sendo que esta acontece diante de uma realidade conflituosa e instável.

Vilela (2013) destaca as seguintes fases da crise: ocorrerá um evento, ou desafio, ou até mesmo o que pode ser caracterizado como uma provocação, que agirá com o papel de desencadeante de uma situação de discordância, e é neste ponto que a crise começa; porém, para que a mesma se caracterize como realmente é, faz-se necessário que uma parte opositora – ameaçada por uma outra parte – resista à provocação, ou acusação, daquela, o que consolidará a crise em si – a resistência marca o acionamento do momento crítico. O momento seguinte é a confrontação, com níveis de intensidade que variam no decorrer do tempo, fase com forte distorção, onde a ocorrência de disputas militares é maior; passado o momento da confrontação, as direções a serem tomadas se alternam entre a guerra, onde a crise será acabada dado que a guerra será uma realidade, com uma tensão que ultrapassará os níveis de crise e, verificando-se o início de hostilidades em larga escala; ou uma resolução pacífica, que pode ser ou por capitulação, ou seja, quando um dos lados cede a vontade da oposição, ou por compromisso, ambos os lados entram em acordo ao reconhecerem que a guerra não é vantajosa para nenhum dos envolvidos e preferem resolver as tensões por meio de negociações.

No que concerne à classificação de crise, desta vez em caráter financeiro, a mesma pode ocorrer quando em uma nação existe um número de agentes pessimistas em detrimento dos demais, cujas consequências proeminentes passam pela desvalorização dos ativos financeiros e insolvência de instituições, fatores que são a base do pessimismo vigente<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> ECONOMIANET. Crises Financeiras. (sem data). Disponível em: <[http://www.economiabr.net/economia/7\\_crises\\_financeiras.html](http://www.economiabr.net/economia/7_crises_financeiras.html)>. Acesso em: 20 de mai. 2017.



## **Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

Autores de diferentes épocas e linhas de pensamento dedicaram estudos para a abordagem de momentos de tensão seguidos de fraca estabilidade que afetavam não somente o entorno de instituições políticas e/ou econômicas, mas também o conjunto dos agentes econômicos que atuam no processo de engendramento do agregado macroeconômico, que servem de motor para as economias mundiais. A seguir, a análise de três estudiosos, a saber, Karl Marx, Jonh M. Keynes e Joseph A. Schumpeter, cujos esforços intelectuais passaram pela tentativa da determinação dos fatores que integram as fases críticas de uma economia, fases essas que ocorreram às suas épocas e com suas especificidades, porém suas análises não deixam de ser tão atuais quanto a sua aplicabilidade e veemência, e que possuem algo em comum: o processo de recriação e autodeterminação do capitalismo.

### **2.1 KARL MARX E SUA VISÃO SOBRE O CONTEXTO DE CRISE**

Antunes (2011) ressalta que para as teorias causais<sup>4</sup>, Marx levanta que a anarquia do mercado, a superprodução, o subconsumo, a queda tendencial da taxa de lucro, a desproporção intersetorial, a renovação periódica do capital fixo e a superacumulação de capitais são fatores determinantes que podem levar a instabilidade política e econômica. Quando se analisam as causalidades, remete-se, portanto, aos ciclos econômicos, onde a crise é um efeito daquelas causas já citadas. A análise, portanto, deve se apoiar em categorias dialéticas com embasamento na possibilidade, realidade, fundamento, fenômeno e manifestação.

Nesse sentido, Antunes vai de encontro às teorias causais, quando, com embasamento na obra marxista, considera que uma análise de crise deve ser fundamentada de maneira a introduzir a dialética no contexto em estudo, e não somente apoiado na tese de que as crises devem ter como eixo uma natureza causal. É necessário ir a fundo à procura pela resposta do que são as crises e de todo o seu processo de ocorrência e dinamismo, sem se apegar somente ao sentido estrito de causalidade e não apenas restringir-se em considerar os eventos que possam vir a colaborar com o estouro

---

<sup>4</sup> Conforme Antunes (2011), as teorias causais procuram explicar o movimento cíclico da crise em âmbito empírico e causal.



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

de uma crise. Em síntese, é preciso ter uma visão geral sobre os aspectos que circundam o termo para não se amparar no senso comum<sup>5</sup>, pois a realidade vai além da percepção lógica e do que é visível em primeira instância.

Ao referenciar a obra de Marx para tratamento das causas da crise, Monção, Bastos e Dias (2011), destacam que o autor vê as crises como inerentes ao sistema capitalista, principalmente no que tange ao processo de acumulação, e necessárias para resolver os problemas contraditórios oriundos daquele processo, pois, na ausência delas, as perturbações decorrentes daquelas mesmas contradições do movimento do capital perdurariam.

As contradições da crise passam pela pressão concorrencial que leva os capitalistas a buscarem uma constante inovação, e porque este mesmo caminho os leva ao desenvolvimento das forças produtivas que findam na crise (SILVA; BASTOS, 2011).

Ou seja, conforme as autoras, considerando a visão marxista, o capitalista, na sua busca incessante pelo lucro e na procura por domínio de mercado frente à concorrência, é levado a aplicar seu capital onde ele for mais rentável, para isso podendo aderir a uma inovação tecnológica e concretizar a expansão de suas forças produtivas. No entanto, à medida que esse processo ocorre, derivando daí a acumulação capitalista, desenvolve-se, também, com o decorrer do tempo, a taxa decrescente do lucro. Por conseguinte, o capitalista deixará de investir devido à inviabilidade do processo de acumulação, que ocorre quando o capital deixa de ser rentável e passa a sofrer em decorrência do desequilíbrio entre oferta e demanda de crédito e investimento, oriundos da falta de estímulo dos investidores em prosseguir com a aplicação de seu capital. Assim, ocorre a destruição do capital já instalado. Este processo é interrompido quando se retomam as condições para novos investimentos, que fomentarão o crescimento da economia, até que, posteriormente, o ciclo levará a uma nova crise.

---

<sup>5</sup> “Diz-se do conjunto de ideias comuns a um grupo ou sociedade, baseado em experiências acumuladas e sem valor crítico; em geral, opõe-se ao conhecimento sistematizado e científico: a população limitava-se aos tradicionais comentários de senso comum”. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/senso-comum/>>. Acesso em: 23 de mai. 2017.



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

Dantas (2009) ressalta que Marx reconhecia que após um período de expansão do crédito, do investimento, da produção e do consumo, por exemplo, a massa de capitais que procuram se reproduzir excedem a capacidade de extração de mais-valia<sup>6</sup>.

Conforme MONÇÃO *et al.* (2011), Marx considera que as crises marcam um ponto de inflexão, onde são abandonadas as velhas técnicas de produção e adoção de novas formas mais produtivas, chancelando, desta forma, o caráter cíclico das crises.

Assim sendo, as inovações tecnológicas atuam como um “remédio” às épocas de recessão, pois representam a incorporação ao processo produtivo de novas formas de produção que tem como consequência o aumento da capacidade produtiva, e, por assim dizer, da retomada do lucro.

O fim das crises se daria quando a massa de trabalhadores passaria a atuar contra o movimento declinante em que se encontrasse a economia. Como destaca Antunes (2011), a participação da classe trabalhadora acabaria por levar a sociedade a um regime de socialismo, com novas relações de produção. Os fatores, então causadores das crises, como a superprodução, o subconsumo e o desemprego, já não seriam mais embargo, pois as relações estabelecidas pela burguesia capitalista perderiam força e esgotar-se-iam no fim do regime capitalista de produção, demonstrando o potencial revolucionário e caráter emancipatório das classe trabalhadora.

No capítulo sobre a tendência à queda da taxa de lucro, no livro 3 de *O Capital*, Marx (1991) associa a diminuição da taxa de lucro do capital às crises, já que aquela é o motor da produção capitalista. A queda da taxa de lucro acelera a concentração e centralização do capital, através da expropriação dos capitalistas menores pelos capitalistas maiores. Segundo o autor, “a diminuição dela retarda a formação de novos capitais independentes e se patenteia ameaçadora ao desenvolvimento do processo capitalista de produção, pois contribui para superpopulação, especulação, crise, capital supérfluo ao lado de população supérflua” (MARX, 1991, p. 278). O modo capitalista de produção, por conseguinte, impõe limites a si mesmo, encontrando no desenvolvimento das forças produtivas uma barreira que coloca o capitalismo como um sistema de caráter histórico, transitório, e que entra em conflito com a riqueza em determinada fase de sua evolução.

---

<sup>6</sup> Conforme Marx (1991), mais-valia é a parcela de trabalho não paga, ou seja, é a apropriação de trabalho excedente pelo capitalista sobre o trabalhador.



## **Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

Para Marx (1991), se o capital não encontra possibilidade de aplicação no país de origem (países com excedente de capital), este mesmo capital será aplicado no exterior.

Assim, se o capital é remetido para o exterior, este fato acontece não por impossibilidade absoluta de aplicá-lo no país. Mas porque pode ser empregado no exterior com taxa mais alta de lucro. Esse capital, de maneira absoluta, é capital excedente para a população trabalhadora ocupada e para o país de origem em geral. Existe como tal ao lado da superpopulação relativa, e que mostra que ambos coexistem e reciprocamente se condicionam (MARX, 1991).

Os elementos apontados por Marx, nas análises de crises mundiais, podem ser referenciados para reportar elementos da conjuntura de crise da economia mundial dos anos 1970. Na situação dos países latino-americanos nos anos 1970, percebe-se que os países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) buscaram investir o excedente de seus capitais – sob a forma de petrodólares – em outras economias que apresentavam vultosa rentabilidade. A crise da dívida externa, pela qual passaram os países latinos, resultou da elevação da taxa de juros, fomentada, então, pela política neoliberal que passaria a ser adotada. Entretanto, resultou em saídas de capital e especulação pelos investidores. A despeito disso, Marx (1989) ressalta que ao cair a taxa de juros, a especulação levará o capitalista a buscar novos métodos para produção, ou seja, novos investimentos para auferir lucro.

### **2.2 JOHN MAYNARD KEYNES E A ABORDAGEM DA DEMANDA EFETIVA**

O economista John Maynard Keynes, em seu livro *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da moeda*, de 1936, abordou momentos críticos na economia. Diante da grande depressão de 1929, Keynes confronta a teoria neoclássica da “mão invisível” do mercado, e lança um conjunto de novas interpretações que apontam as contradições do paradigma clássico dominante, e onde, como elemento central, a máquina estatal deve ser acionada na atividade econômica.

A teoria keynesiana propôs que o capitalismo é um sistema instável que não pode ser regulado automaticamente pelas forças de mercado. As crises decorrentes da falta de



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

demanda efetiva, para o autor, são consequência do comportamento individual dos agentes econômicos – produtores, consumidores e assalariados (SILVA, 2004).

Portanto, para Keynes (1996), para retomar o crescimento de uma economia marcada por um período de recessão e estagnação, necessita-se de uma atuação governamental forte, para combater a perda de demanda efetiva e o desemprego involuntário, ou seja, o desemprego que não provém da vontade única do trabalhador, mas do mercado de bens e serviços. Dever-se-ia, portanto, fomentar a atividade econômica através do emprego de certo número de homens em obras públicas, tanto em momentos de desemprego severo, onde o impacto será maior, como de pleno emprego.

Para Silva (2004), em sua análise sobre a obra de Keynes, no capitalismo os níveis de investimentos são voláteis à medida das incertezas e riscos dos investidores, interferindo, conseqüentemente, nos níveis de emprego dos fatores produtivos.

Na teoria keynesiana, portanto, o empresário determina o volume de emprego a ser admitido de acordo com a receita que espera auferir na produção, fixando esse mesmo volume em um patamar onde seja maximizada a diferença entre a receita e os custos dos fatores de produção (KEYNES, 1996).

Keynes (1996), ao examinar o ponto essencial da Teoria Geral do Emprego, afirma que o que determina o volume de emprego estabelecido é o ponto onde se interceptam as funções de oferta agregada e demanda agregada, pois é neste ponto onde são maximizadas as expectativas de lucros dos empresários. Sendo  $Z = \theta(N)$ ; e  $D = f(N)$ , seja  $Z$  = preço da oferta agregada da produção;  $D$  = produto que os empresários esperam receber; e  $N$  = volume de homens empregados, na situação anteriormente descrita teremos o que Keynes convencionou chamar de *Demanda Efetiva*, onde  $Z = D = f(N)$ . Quando  $D$  for maior que  $Z$ , os empresários se sentiriam incentivados a aumentar o emprego acima de  $N$ , mesmo elevando os custos na disputa entre si por fatores de produção. O processo continua até o ponto onde  $N=Z=D$ .

Keynes (1996, p. 62) sintetiza as grandes linhas da sua teoria ressaltando que o aumento do volume do emprego tem impacto positivo sobre a renda agregada, dado que o consumo também cresce. Desta forma, deve haver investimento suficiente para atender a demanda total imediata, caso contrário, os investidores não serão induzidos a oferecer o nível de emprego que satisfaça sua demanda. No equilíbrio, o nível de emprego



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

dependerá do montante de investimento corrente, ou seja, neste estágio, os investidores não são estimulados nem a admitir ou demitir mão-de-obra.

Em outras palavras, e como se verifica na teoria keynesiana, o volume de emprego, e este é quem determina o nível de salários reais, é influenciado pela ação conjunta da propensão a consumir e o nível do novo investimento. Caso essa mesma ação resulte em insuficiência da demanda efetiva, o nível real do emprego sofrerá redução até ficar abaixo da oferta de mão-de-obra potencialmente disponível ao salário real em vigor, sendo o salário real de equilíbrio superior à desutilidade marginal do nível de emprego de equilíbrio. Uma demanda efetiva insuficiente não estimula o investimento, paralisa o emprego e inibe o processo de produção (KEYNES, 1996).

A análise de Keynes (1996) contempla que o emprego só pode aumentar de acordo com o volume de investimento, ou, na hipótese alternativa de que haja uma mudança na propensão a consumir. O autor estabelece uma relação entre renda e investimento – definida como *multiplicador* –, e, de maneira mais simples, entre emprego total e emprego diretamente ligado ao investimento (denominada de *emprego primário*). O multiplicador, “dada a propensão a consumir, estabelece uma relação precisa entre o fluxo de investimento e os volumes agregados do emprego e da renda” (KEYNES, 1996, p. 133).

É perceptível, na análise keynesiana, que a instabilidade econômica, como fenômeno inerente ao sistema capitalista, encontra-se intrinsecamente ligada aos níveis de investimentos que, por sua vez, possuem caráter volátil dado as incertezas e expectativas dos investidores. Ademais, a ação do investimento, em conjunto com as expectativas de consumo da comunidade, determina o volume de emprego a ser estabelecido. Torna-se evidente que a análise sobre o condicionamento cíclico da economia, segundo Keynes, possui relação com a atividade do Estado; este deve promover o crescimento e o desenvolvimento econômico.

Em um cenário de políticas marcadamente neoliberais, onde se difundia a não atuação do Estado no mercado, pode-se assistir, na década de 1990, uma associação da atuação estatal com as crises financeiras internacionais que se sucederam, a partir de ações de políticas monetárias e cambiais, que, como será visto posteriormente, desencadearam especulação e saída de capitais nos mercados financeiros envolvidos. Mas as crises não foram resultado apenas da má administração das políticas adotadas, com aberturas comercial e financeira consideradas além da capacidade econômica dos países,



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

mas também da saída de fluxos de investimento que, como vimos na teoria keynesiana, acaba por interferir internamente nos níveis de produção e emprego.

### 2.3 SCHUMPETER E O PROCESSO DE DESTRUIÇÃO CRIADORA

Joseph Alois Schumpeter, na sua obra *Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*, de 1911, considera que na vida econômica ocorre o advento de mudanças não contínuas, modificando o limite e as relações tradicionais entre os agentes do sistema econômico, e a estas mudanças, tidas como “revolucionárias”, é creditado o problema do desenvolvimento econômico (SILVA, 2004). Tais mudanças, a partir de tal concepção, teriam origem em fatores externos à vida econômica, que, sem a perturbação das mesmas, permaneceria num estado estável e contínuo. As crises podem ser enquadradas dentro do que se convencionou caracterizar estas mudanças, já que contribuem para transmutações fora das normalidades convencionais e marcam um ponto de inflexão. “Entenderemos por “desenvolvimento”, portanto, apenas as mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro, por sua própria iniciativa” (SCHUMPETER, 1997, p. 74).

Schumpeter considera que o cerne da mudança está do lado do produtor que, por sua vez, promove inovações com “novas combinações” dos fatores de produção, e, a partir deste momento, podendo resultar no desenvolvimento, não sendo considerado, portanto, o crescimento econômico fundamentado no crescimento da população, da renda ou da riqueza (SILVA, 2004).

Schumpeter (1997) discorre que o desenvolvimento marca uma mudança, nas esferas da vida industrial e comercial, espontânea e descontínua que desloca o estágio de equilíbrio previamente existente.

Desta forma, as novas combinações, que são o emprego diferente da oferta dos meios de produção, estão corporificadas às novas empresas, estas, por sua vez, não surgem das antigas, mas começam a produzir ao seu lado. Da mesma maneira, esse processo explica a ascendência e decadência econômica e social das famílias e de outros



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

fatores do ciclo econômico, assim como, por exemplo, da formação das fortunas privadas (SCHUMPETER, 1997).

Para Schumpeter (1987), as “novas combinações” podem ser encontradas em cinco situações, a saber: a) introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de um bem; b) introdução de um novo método de produção ou nova forma de comercialização do produto; c) abertura de um novo mercado; d) conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados; e e) estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria.

Entretanto, para a realização destas novas combinações, faz-se necessário recorrer ao sistema de crédito, personificado na figura do capitalista privado (proprietário do dinheiro, de direitos ao dinheiro ou de bens materiais). O banqueiro, como produtor da mercadoria “poder de compra”, substitui os capitalistas privados ou torna-se seu agente, transformando-se no capitalista por excelência, posicionando-se entre os que desejam formar novas combinações e os que possuem meios de produção. É o banqueiro que vai fornecer crédito para o financiamento de novas empresas, ou novas combinações (SCHUMPETER, 1997).

Junto às “novas combinações” e o “crédito”, Schumpeter (1997) destaca outro importante elemento: o empreendimento – que, para o autor, é o fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. O empreendimento pode ser encarado como a realização de novas combinações, e os empresários são os que as realizam. A partir do momento em que tais combinações perdem o aspecto inédito que lhe são imputadas, tornando-se agora frequentemente correntes no mercado, “não se teria mais a figura do empresário, na concepção de Schumpeter, e sim a de um mero administrador” (SILVA, 2004).

Ao levantar a questão sobre o motivo de o desenvolvimento econômico não avançar uniformemente, mas espasmodicamente, apresentando altos e baixos que lhe são característicos, Schumpeter (1997) esclarece que as novas combinações não são distribuídas uniformemente no tempo, mas surgem descontinuamente e sem viés temporal.

Considera-se, portanto, que os eventos que ocorrem na economia, de maneira singular e não contínua, fomentam as antigas empresas e a conjuntura econômica a se adaptarem à nova realidade, modificando a economia para um *status* diferente daquele que estaria caso os fenômenos ocorressem de maneira uniforme e contínua.



## **Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

A maquina capitalista, portanto, é mantida através da introdução de novos métodos de bens e consumos e organização da vida industrial, que revolucionam a economia a partir de dentro, caracterizando o processo de destruição criadora, básico para o entendimento do capitalismo e de sua sobrevivência (SCHUMPETER, 1987).

O capitalismo, para Schumpeter (1987), é um sistema fundamentado em ciclos econômicos, em períodos de ascensão e recessão, que está em transformação a partir da introdução de novas maneiras de reproduzir-se, e, a partir destas transformações, muda a economia a um estágio irreversível e diferente do anterior, que será transmutado a um estágio posterior, diferente daquele, onde novas combinações passarão a existir. É o que se verifica na década de 1990, quando se tem um quadro de crises internacionais, onde as economias envolvidas tiveram que optar por novas tentativas de estabilidade, e ao mesmo tempo que eram socorridas por créditos e financiamentos externos, estes eram um de seus maiores reveses, quando se considera a fuga de capitais e a desvalorização do câmbio.

A partir das abordagens sobre crise, anteriormente discutidas, percebe-se que tais definições se aplicam a momentos de tensão e choque que ocorreram na contemporaneidade. Assim, as crises internacionais dos anos 1990 demonstraram um período de instabilidade e marcaram no que tange a interdependência entre os países globalizados, principalmente no que se refere aos países emergentes, que foram afetados pelo desencadeamento destes momentos críticos.

### **3 AS CRISES FINANCEIRAS INTERNACIONAIS DOS ANOS 1990**

Nesta seção, propõe-se um resgate teórico pautado na construção bibliográfica acerca da temática das crises financeiras dos anos 1990, a saber: crises mexicana, asiática e russa.

#### **3.1 A CRISE FINANCEIRA DO MÉXICO DE 1994**



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

Apesar das perturbações no universo político e econômico de 1994, o México já havia passado por momentos críticos que abalaram mutuamente a estrutura interna e as relações externas do país.

Na década de 1970, o país demonstrou um crescimento econômico considerável. Entretanto, o decênio seguinte foi marcado por instabilidade, crise e estagnação, devido ao desequilíbrio externo das suas contas públicas e o aumento da dívida externa, esta última ocasionada pela desvalorização do câmbio e elevação dos juros internacionais pelo FED (Banco Central Americano), principalmente em 1982, que encareceu as exportações não-petrolíferas, promovendo o barateamento das importações e declínio da indústria de bens de capital, estimulando, conseqüentemente, a importação destes bens; soma-se o fato de que no ano supracitado o México declarou moratória (FREITAS, 2008).

Em 1986, o México entra para o *General Agreement Tariffs and Trade* (GATT) com o intuito de promover liberalização no seu comércio exterior, por meio de eliminação de barreiras e tarifas para produtos importados, políticas estas que resultaram na abolição de licenças para importação de mais de dois mil itens e crescimento do volume de produtos manufaturados exportados (FREITAS, 2008).

Lobão (2007) e Kesller (2001) destacam os acontecimentos que antecederam a crise mexicana de 1994: Em janeiro daquele ano, vivencia-se, no país, o conflito de Chiapas<sup>7</sup>; em 23 de março do mesmo ano, o candidato à Presidência Luis Donaldo Colosio foi assassinado. O fato provocou incertezas, tensões no campo político que repercutiram na volatilidade nos mercados financeiros mexicanos, resultando em perda das reservas do país na ordem de mais de um terço, cujo volume se aproximou do limite da banda de intervenção e provocaram elevação das taxas de juros internas. Esta situação levou o governo do México, em 20 de dezembro de 1994, a abandonar a paridade do peso com o dólar, passando a adotar a banda cambial alargada, fato que resultou na desvalorização do peso mexicano. A tentativa fazia parte do plano de estimular a atratividade da economia do país no cenário internacional. Já em 22 de dezembro, a moeda mexicana transitava perante um regime de câmbios flexíveis. O resultado: perda

---

<sup>7</sup> O evento de Chiapas aconteceu em janeiro de 1994, quando membros do zapatismo entraram em choque contra o exército mexicano no período de 12 dias. Aqueles almejavam a ocupação de cinco cabeceiras municipais do estado mexicano de Chiapas. O cessar fogo adveio após mibilizações de grupos, sindicatos, coletivos, partidos de esquerda, indivíduos e ONG's em todo o México, que apoiavam o movimento zapatista (SPINELLI, 1994)



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

e volatilidade nos mercados financeiros; altas taxas de juros internas; e dificuldade dos bancos de quitarem suas obrigações.

Conforme apontado por Kessler (2001), a crise mexicana aconteceu concomitantemente com a medida tomada pelo FED, em 1994, de dobrar as taxas de juros americanas de 3% para 5%, tornando-as muito mais atrativas do ponto de vista da taxa de retorno do que em relação aos países em desenvolvimento, provocando, desta forma, uma fuga de capitais no México, concretizada por meio da redução das reservas internacionais, diante da instabilidade mexicana que cada vez mais era notória na percepção dos investidores. Na segunda metade do mesmo ano, observa-se uma queda de 75% nas entradas de capital, sendo que em dezembro deste mesmo ano, as reservas somavam US\$ 6 bilhões.

No ano da ocorrência da primeira crise dos mercados globalizados – crise mexicana – surgem organizações para promover o comércio, com o objetivo de recomposição de uma ordem econômica internacional. Neste intuito, concretiza-se a Organização Mundial do Comércio (OMC) (CAMPOS; CANAVEZES, 2007):

A partir de meados da década de 1990, a economia mexicana passou a sofrer com balança comercial e conta corrente deficitárias, e dependência de Investimento Direto Estrangeiro (IDE), aspectos que tornavam o país não propício ao crescimento e desenvolvimento econômico, dificultando o cumprimento de suas obrigações internacionais. Com o objetivo de recuperar-se da crise, em 1994 o México passa a participar do Acordo de Livre Comércio da América do Norte – NAFTA (BASTOS, 2009).

A crise de 1994 levou o México a uma situação conjuntural marcadamente instável, fato que comprometia a economia do país e provocara uma intensa fuga de capitais estrangeiros de seu mercado financeiro. A participação do México no NAFTA facilitou a recuperação e a dinâmica de sua economia, já que as exportações deste mesmo país para os Estados Unidos aumentaram (AMARAL, 2007).

Segundo Rocha (2004), as dificuldades que o México passou foram compensadas pela entrada do país no NAFTA, apesar de que quando surgiu a crise, não houve tempo para que as medidas estabelecidas pelo acordo fossem aderidas, pois o momento em questão eram consequência de políticas anteriores. A autora acrescenta que o NAFTA contribuiu para que os investimentos em exportações crescessem de 0,5 para 1,5 pontos



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

percentuais entre 1996-2002. Acrescenta-se que entre 1980-1993 o PIB mexicano cresceu, em média, 2% ao ano, enquanto que no período 1996-2002 essa média cresceu para 4%.

O momento crítico no México exigiu políticas que evitassem o efeito contágio nos demais países vizinhos e afetassem as economias dos países desenvolvidos. Neste intuito, muitos governos de países centrais, como Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha, intervieram no reescalonamento da dívida de países em desenvolvimento, com um cofinanciamento de US\$ 51 bilhões, sob a forma de um programa de ajuste e assistência financeira (ASSIS, 2001).

Rocha (2004) destaca que a crise foi sistêmica, causando um efeito contágio sobre a Ásia, Rússia, Brasil e Argentina. Ainda, segundo a autora, essas repercussões possuíram pontos em comum, como a perda da competitividade em decorrência dos altos preços das exportações, valorização cambial na tentativa de recuperar os níveis de competitividade, fuga de capitais e vulnerabilidade do setor bancário, pelo fato de suas dívidas superarem as suas reservas. Destacam-se, ainda, a tentativa de tornar atraentes os títulos por meio de altas taxas de juros, conta corrente deficitária e a necessidade de ajuda internacional para quitar os compromissos, sendo que nesta última tem-se a atuação acentuada do Fundo Monetário Internacional – FMI.

Peña (1997, p. 154) apresenta que a crise levou à queda do consumo privado na ordem de 9% por habitante, o investimento bruto fixo caiu 29% e o câmbio e importações decresceram 12% neste período. Considere-se também que a inflação subiu num patamar de 52% em seis meses.

As crises mexicana (1994) e asiática (1997) despertaram o estudo pelo processo que causa a propagação das crises de uma economia para as outras. O efeito contágio se caracteriza, neste sentido, a ocorrência de crises cambiais e ataques especulativos, simultaneamente ou sucessivamente, em diversos países que compartilhem alguma característica ou que sejam relacionados comercialmente (SANT'ANNA, 2002). Conforme será analisado na seção seguinte, a Ásia partilhou desta definição.

### 3.2 A CRISE FINANCEIRA ASIÁTICA DE 1997



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

A crise asiática despertou a atenção pelo fato de envolver economias que até então apresentavam altos índices de crescimento econômico, evento conhecido como milagre econômico asiático. Estes mesmos países, pela ferocidade com que cresceram economicamente, ficaram conhecidos como Tigres Asiáticos.

O momento crítico se caracterizou por uma conjuntura de instabilidade econômica, em consequência da crise cambial e financeira que atingiu a região e envolveu, a princípio, cinco países: Coreia do Norte, Tailândia, Indonésia, Malásia e Filipinas. O fato repercutiu mundialmente, despertando a surpresa de estudiosos devido ao seu alcance e porque estavam envolvidos países que até o momento eram referência em crescimento econômico rápido e sustentável (AMARAL, 2007).

Sant’anna (2002) destaca que a crise nos países asiáticos ocorreu após um período de *boom* econômico, cujo cenário favoreceu o influxo de capitais estrangeiros, baixos níveis inflacionários, grande crescimento econômico e as moedas nacionais atreladas ao dólar, ou seja, um panorama aparentemente favorável e positivo que, concomitantemente, compartilhava o contexto com uma forte liquidez internacional, liberalização financeira, abertura de conta capital e fragilidade no sistema bancário, com presença de informação imperfeita. Portanto, o ambiente com ampla possibilidade para a eclosão de perturbações econômicas e financeiras.

Ainda segundo Sant’anna (2002), a crise asiática ocorreu quando o governo tailandês opta por desvalorizar o *baht* (moeda tailandesa) – que até o momento era indexado ao dólar – em 2 de julho de 1997, o que provocou uma perda de 10% em seu valor em decorrência da especulação, pois os investidores acreditavam que haveria um colapso financeiro. O autor acrescenta que dois anos antes de 1997, a valorização do dólar em relação ao *iene* (moeda do Japão) prejudicou a posição externa da Tailândia, já que o Japão era o principal parceiro comercial do país, que também possuía uma crescente dívida de curto prazo, somando-se a isto o fato de que havia estourado uma bolha imobiliária. A fuga de capitais fez com que o governo, mesmo aplicando política monetária restritiva, adotasse o regime de câmbio flutuante.

Canuto (1998) apresenta a situação econômica dos Tigres Asiáticos a partir da percepção de que, no caso do Japão, este se especializou em segmentos sofisticados em tecnologia, como em indústria eletrônica, de telecomunicações, automobilística e de bens de capital, absorvendo mão de obra qualificada. Quanto aos tigrinhos, coube-lhes



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

especializarem-se na produção de bens tradicionais intensivos em mão-de-obra não qualificada (calçados, vestuário, por exemplo). Todo movimento de integração das redes de produção contou com fluxos de investimento direto e crédito bancário, além de acordos de transferência tecnológica. O autor também ressalta que após o período do salto de crescimento econômico da Tailândia, Malásia, Indonésia, Filipinas, Coreia do Sul e Hong Kong, as economias destes mesmos países foram afetadas pela saída de capitais e deflação de ativos financeiros que abalaram a região em decorrência de especulação, ameaçando os credores japoneses para a prática de insolvência e levando a desvalorização de suas moedas nacionais em relação ao dólar – exceto no caso de Hong Kong – em um descompasso com as dívidas de curto prazo.

Em tal cenário, o dólar de Hong Kong resistiu as fortes pressões inflacionárias devido a política de controle do mercado, elevação das taxas de juros e considerável número de reservas (ROCHA, 2004). Fatores que não eram considerados pela Ásia podem ser creditados como condutores à crise, como: o alto volume de dívidas de curto prazo, as dívidas privada e pública, a transparência do governo quanto às políticas que adotava, a paridade das moedas com o dólar e a saúde financeira dos bancos.

Silvia e Bastos (2011) destacam que no período de 1993 a 1997 a razão passivo bancário/PIB e a razão dívidas de curto prazo e reservas cresceram nas cinco economias asiáticas.

A sequência com que se sucedeu o efeito contágio da crise que teve início na Tailândia é descrita por Lobão (2001): o choque nos mercados financeiros da Tailândia e suas consequentes especulações repercutiu nos mercados financeiros da Malásia, Indonésia, Filipinas e Coreia, principalmente no final de 1997 e início de 1998. A ordem de desvalorizações atingiu o peso filipino, o “*ringitt*” da Malásia e a rupia da Indonésia. Apenas em outubro de 1997, Hong Kong começa a sofrer declínio em suas ações. Logo, em seguida, o *won* coreano passa a vigorar sobre regime de câmbio flutuante.

Desta forma, a crise financeira se transformou em crise econômica quando do declínio dos PIBs dessas economias, cujas performances anteriores alcançaram índices de crescimento consideráveis, não denunciando a extensão e proporção com que se deu a crise asiática no contexto mundial. A vultosa entrada e saída de capital externo em toda região devem ser indispensavelmente levadas em conta quando se trata deste tema, dado que a região dos países componentes do grupo dos Tigres Asiáticos era uma receptora



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

incessante de fluxos de investimento, tanto sob a forma de IDE como por investimento em carteira e portfólio. (SILVIA; BASTOS, 2011).

A expressiva entrada de volume de investimentos provocou um superaquecimento nas economias domésticas e pressões especulativas sobre os ativos. Fluxos acima de 10% do PIB foram injetados na Tailândia e Malásia, acompanhados de um *boom* imobiliário nos dois países (CANUTO, 2000).

A desestabilização levou a redução do crescimento, ampliação do desemprego, bancos quebrados, empresas falidas, e manifestações e conflitos políticos. Houve perda de competitividade da Ásia e queda das exportações, devido ao encarecimento das mesmas por conta do atrelamento das moedas com o dólar, que se encontrava em crise. Soma-se a isto, o fato de que os bancos deveriam ter reservas para bancar a inadimplência dos clientes, porém, muitos investimentos que a região atraía superavam a sua capacidade, além de não trazerem retornos de curto e médio prazos (ROCHA, 2004).

Muitas lições foram deixadas a todo o mundo por meio da instabilidade asiática de 1997, a saber, a primordialidade de estimular a redução do incentivo ao endividamento exacerbado, a busca pelo aprimoramento dos mecanismos nacionais de condução do setor financeiro e empresarial, além de deixar clara a importância de regulamentar os fluxos de capitais de curto prazo. Tailândia, Indonésia e Coreia chegaram a receber ajuda do FMI (CANUTO, 2000; AMARAL, 2007).

A instabilidade e especulação oriundas da crise asiática permaneceu até o segundo semestre de 1998, quando o câmbio volta se estabilizar e recupera um pouco de seu valor, porém, em nenhuma das situações os níveis voltaram a ser os mesmos, e as bolsas iniciaram um percurso de alta (ROCHA, 2004).

As implicações da Crise Asiática passaram a atingir o mercado financeiro russo em 1998. Adicione-se o advento da crise do petróleo, que culminou na crise da Rússia nesse mesmo ano. Os agentes monetários reagiram por meio da desvalorização da moeda russa, o rublo, e decretaram moratória parcial de sua dívida externa (SILVA; BASTOS, 2011). Portanto, o efeito contágio afetou outras economias, como no caso da Rússia, cujo acontecimento será tratado na seção seguinte.

### 3.3 A CRISE FINANCEIRA NA RÚSSIA EM 1998



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

O processo que desembocou na crise russa é descrito por Lobão (2007): no período de 1996 a 1997 a Rússia foi afetada por déficits orçamentários, que constituíam de 7% a 9% do PIB, fato que contribuiu para a elevação das dívidas de curto prazo. Conforme o autor, a quebra nos preços internacionais dos principais produtos que compunham a pauta de exportação do país causou uma deterioração dos termos de troca internacionais em torno de 18%, ressaltando também a fuga de capitais que financiavam o déficit federal, evento este que reduziu o PIB em 1,8%, no período de 1997 a 1998, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Lobão destaca que o rublo foi mantido no interior das bandas cambiais, o que ocasionou uma perda de reservas e aumento das *yields*<sup>8</sup> de dívida pública na faixa de 192% em 10 de julho de 1998, isto devido à elevação das taxas de juros internas, em contrapartida à piora na situação da balança de pagamentos e a inexistência de políticas de ajustamento orçamental. Soma-se, ainda, o fato de que o FMI firmou um acordo com a Rússia para um financiamento no valor de 22,6 mil milhões de dólares – o resultado foi a recuperação do mercado de ações e declínio das taxas de juros.

Em agosto de 1998 houve intensa fuga de capitais e esgotamento de reservas, além das *yields* da dívida pública atingiram 300%. Como resultado, em 06 de agosto de 1998 ocorreu um choque no mercado de obrigações, com ressonância, uma semana depois, no mercado de ações, evidenciando-se, desta forma, o choque inicial nos mercados financeiros russos; em 13 de agosto houve queda de 10% nos mercados financeiros russos; e, em 2 de setembro, o rublo passou a vigorar sob o regime de câmbio flutuante (LOBÃO, 2007).

Em 17 de agosto de 1998 estoura, portanto, a crise russa, quando o governo do país decide pela desvalorização do rublo e opta por declarar moratória do pagamento de dívidas externas por 90 dias, já que, juntamente ao Banco Central, declarou ser incapaz de pagar suas dívidas (PINTO *et al.*, 2005).

Conforme Rocha (2004), a Rússia vinha sofrendo com o processo inflacionário desde a queda do Muro de Berlim. Em resposta, de 1995 a 1997, o governo russo adotou medidas sob o aval do FMI para conter a alta de preços – objetivo alcançado paulatinamente. A balança comercial vinha registrando saldos superavitários. A questão

---

<sup>8</sup> O termo *yield* refere-se ao rendimento (tipicamente, anual) de um ativo, em dividendos ou juros, expressos como uma percentagem da cotação do mesmo (BUENO, 2002).



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

era a dívida pública, acirrada a partir do ócio militar consequente da queda do Muro, assim como do financiamento deste déficit através de emissão de moeda pelo Banco Central.

As origens da crise de 1998 na Rússia podem ser consideradas a partir do efeito contágio ao mercado financeiro do país quando da situação crítica asiática, ocorrida no ano anterior, que provocou uma fuga de capitais e a queda do preço do petróleo, que consistia no principal meio de obtenção de moeda forte para o país; adicionalmente, o governo teria que arcar com gastos sociais deixados pelo antigo sistema soviético e manter os gastos militares.

Os efeitos decorrentes da ruptura crítica na economia da Ásia foram refletidos na Rússia, sendo que esta entra em crise em agosto de 1998, com a desvalorização de sua moeda, evento que contribui para que posteriormente fosse declarada moratória parcial da dívida externa, com expressiva fuga de capitais em decorrência da baixa de preços do petróleo no exterior, que tornou escassos os recursos financeiros do país para quitar com suas obrigações internas e externas e os programas sociais, antes incumbidos ao regime comunista. A crise asiática provocou a desvalorização dos preços das *commodities*, que consistiam nas principais pautas de exportação russa, como petróleo e gás, ao passo em que houve a desvalorização do rublo em mais de 50%, devido a adoção do regime de câmbio flutuante, somando-se a isto o fato de que o governo declarou moratória de 90 dias para o pagamento da dívida externa (AMARAL, 2007).

Para Silva e Bastos (2011), a queda das receitas governamentais em 1997, e a meta de aumentá-las no ano seguinte, estimulou o governo à adoção de medidas que se tornaram frustradas, devido não alcançarem as expectativas almeçadas, tendo ocorrido o contrário do que se pretendia, com queda do PIB e endividamento, quando buscava financiamento de créditos a curto prazo.

Pinto, Vilela e Lima (2005) acrescentam que a crise russa fez com que o governo adotasse políticas econômicas monetária e fiscal de austeridade: recorreu ao FMI para obter recursos, cortou despesas e gastos públicos, além de expandir a oferta de moeda para estimular os investimentos e o consumo a fim de aumentar a credibilidade do governo para adoção do regime de câmbio flutuante.

Rocha (2004) destaca que de 1998 a 2000, o PIB russo declinou, recuperando-se a partir da melhora no mercado do petróleo em 2001. Destarte, a crise russa tem efeitos



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

consideráveis até a virada do século, e a economia da Rússia começa a apresentar melhora, promovida por um dos produtos mais importantes de sua produção, que é o petróleo.

Conforme Amaral (2007), o que difere este momento dos anteriores é o fato de que, em particular, a partir do colapso russo, ocorre um fechamento dos mercados de crédito para os países emergentes quase que por completo, durante um longo período de tempo, afetando de maneira negativa as economias destes países, valendo acrescentar, também, a queda nos preços das *commodities*, que consistem nas principais formas de incremento de renda decorrentes do comércio internacional para os países emergentes, ocorrendo, adicionalmente, no período considerado, uma lenta expansão do comércio mundial como um todo. Desta forma, a sequência de crises e instabilidade globais comprometeram a economia mundial.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A abordagem das crises diante dos casos do México, Ásia e Rússia na década de 1990, exposta neste estudo, permite um esclarecimento sobre o escopo da problemática em análise. De maneira geral, os eventos foram precedidos por desvalorizações da moeda, seguidas de forte pressão especulativa.

O quadro internacional favorável pós-segunda guerra entrou em decadência ainda na década de 1970, no cenário que envolve: 1º choque do petróleo e crise financeira internacional; crise na economia americana, que passa a apresentar estagflação e déficit público incontrolável, com perdas de lucratividade, produtividade e competitividade; crise do “estado do bem-estar social; colapso do sistema de Bretton Woods, após da desvalorização do dólar americano; ruptura dos paradigmas de produção tayloristas-fordistas e emergência dos processos de acumulação flexíveis; crise do trabalho e ambiental; crise no paradigma de regulação de orientação keynesiana e consolidação do paradigma neoliberal. Vale ressaltar que a política de financeirização da economia, propagada por instituições financeiras e organismos multilaterais, encontrou apoio diante da ótica neoliberal dos anos 1990. O estancamento se daria com a crise do México. As crises asiática e russa, ocorridas poucos anos mais tarde, são exemplos do efeito contágio que se alastrou e do medo de risco pelos investidores.



## **Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos 1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

Observa-se um momento de tensão internacional, moldada a partir da reação dos mercados financeiros. Afinal, como já descreveu Marx, o capital vai em busca de mercado mais lucrativo. Foi o que ocorreu. Sem hesitar, as saídas em forma de investimento e perda de reservas se tornaram fatores preponderantes na nova conjuntura que se estabelecia. A crise financeira foi convertida em crise econômica. Variáveis-chaves passaram a apresentar declínio – PIB e emprego, por exemplo. A tentativa dos países desenvolvidos de impedir uma pane financeira internacional ainda em 1994, com a doação de um pacote de socorro ao México, remete a ideia de intervenção estatal de Keynes, concomitantemente a ideia de destruição criadora promulgada pela teoria schumpeteriana.

É evidente que a adoção de políticas mal administradas pelas autoridades foram indispensáveis para os acontecimentos que se seguiram. A ideia da desvalorização como mecanismo de defesa resultou em enfraquecimento crônico das economias envolvidas. Do México à Rússia, as políticas de câmbio flutuante demonstraram ser desastrosas do ponto de vista do plano de estabilização.

Atente-se para o argumento de que a adoção destas políticas promoveriam a defesa de reservas e estancamento das saídas de capital. Registre-se que a ideia não se concretizou, ao passo que, como no caso da Ásia, a crise acabou por levar esta economia ao desemprego e estagnação, situação não muito diferente dos outros países aqui analisados.

### **REFERÊNCIAS**

AMARAL, Sandra Maria de Carvalho. **A dinâmica das relações comerciais do Mercosul à luz dos instrumentos de política comercial (1998 a 2005)**. 2007. 183 f., il. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2694>>. Acesso em: 25 de mai. 2017.

ANTUNES, Jadir. Marx diante da crise do capital. In: **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 509-524, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1597>>. Acesso em: 30 de abr. 2017.



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos  
1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

ASSIS, Milton de. A Origem das Crises Financeiras Internacionais: Fracos Fundamentos ou Puro Contágio? Uma Análise Empírica. In: Encontro Nacional de Economia (XXIX, 2001: Salvador - BA). **Anais...** Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. Disponível em: <[www.anpec.org.br/artigos](http://www.anpec.org.br/artigos)>. Acesso em: 24 de mai. 2017.

BASTOS, Luciana Aparecida. **Avaliação do desempenho comercial do Mercosul: 1994-2005**. 2009. 158 f. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **Introdução à globalização**. Porto: Instituto Bento Jesus Caraça, 2007. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2468>>. Acesso em: 24 de mai. 2017.

CANUTO, Otaviano. A crise asiática. In: **Economia e Perspectiva** – Carta de Conjuntura, CORECON – SP, Jan/Fev. 1998. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo4.htm>>. Acesso em: 27 de mai. 2017.

\_\_\_\_\_, Otaviano. A crise asiática e seus desdobramentos. In: **Revista Econômica**, v. II, n° 4, p. 25-60, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaeconomica/v2n2/3-otaviano.pdf>>. Acesso em: 19 de abr. 2017.

DANTAS, Rodrigo. A Grande Crise do Capital. In: **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 14, 1/2009, p. 47-72. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/82984>>. Acesso em: 23 de mai. 2017.

ESCORREGA, Luís Falcão. Das novas crises: breves contributos para a sua clarificação Conceptual. In: **Jornal de Defesa e Relações Internacionais**, fev. 2010. Disponível em: <[http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view\\_txt.asp?id=765](http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=765)>. Acesso em: 16 de mai. 2017.

FREITAS, Vinicius Ruiz Albino de. México: da crise da dívida externa ao advento do NAFTA. In: **Revista Aurora**, ano II, número 3, p. 47-55, dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1193>>. Acesso em: 24 de mai. 2017.

GONTIJO, Paulo. A teoria das crises financeiras: uma apreciação crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, (XXXVII, 2009: Foz do Iguaçu, PR), **Anais...** Foz do Iguaçu, ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia, 2009, 19 p. Disponível em: <<http://econpapers.repec.org/paper/anpen2009/012.htm>>. Acesso em: 30 de abr. 2017

KESSLER, Timothy. A quebra do peso mexicano: causas, consequências e recuperação. In: **Revista de Economia Política**, vol. 21, n° 3 (83), p. 121-145, julho-setembro/2001. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/PDF/83-7.PDF>>. Acesso em: 24 de mai. 2017.



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos  
1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

KEYNES, John M. **A Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LOBÃO, Júlio Fernando Seara Sequeira da Mota. **Contágio entre mercados de ações de países desenvolvidos**: um estudo de processos de transmissão de choques de rendibilidade num contexto de episódios de crises financeiras. 2007. 385 f. Tese (doutorado em ciências empresariais, área de especialização em finanças empresariais). Universidade do Minho, Braga, 2007. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6288>>. Acesso em: 24 de mai. 2017.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro Terceiro. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991.

MENDES, António Mira Marques. Subsídios para uma teoria das crises políticas. In: CONGRESSO SOPCOM, 4., 2005, Aveiro, Portugal. **Livro de actas...** Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, p. 765 -774, 2005. Disponível em: <<http://www.sopcom.pt/actas/mendes-antonio-subsidios-teoria-crisis-politicas.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

MONÇÃO, Bruno André; BASTOS, Luciana Aparecida; DIAS, Ricardina. Avaliação dos reflexos da crise mexicana nas economias membros do Mercosul: 1994 a 1997. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – EPCT (VI. 2011: Campo Mourão, PR). **Anais...** Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar. Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2011, 22 p. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_vi\\_epct/PDF/ciencias\\_sociais/09.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/ciencias_sociais/09.pdf)>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

MONÇÃO, Bruno André; BASTOS, Luciana Aparecida; DIAS, Ricardina. Avaliação dos reflexos da crise mexicana nas economias membros do Mercosul: 1994 a 1997. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – EPCT (VI. 2011: Campo Mourão, PR). **Anais...** Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar. Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2011, 22 p. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_vi\\_epct/PDF/ciencias\\_sociais/09.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/ciencias_sociais/09.pdf)>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

PEÑA, S. L. México: a crise de 1995 em perspectiva histórica. In: **Economia e Sociedade**, São Paulo, n. 9, p. 147-158, dez. 1997. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643165/10713>>. Acesso em: 29 de mai. 2017.

PINTO, Bruno José Marques; VILELA, Thaís Machado de Matos; LIMA, Ursula Silveira Monteiro de. A crise financeira russa. *Economics Bulletin*, v. 28, n. 3, p. A1, 2005. Disponível em: <<http://econpapers.repec.org/paper/wpawuwpm/0504020.htm>>. Acesso em: 28 de mai. 2017.



**Elementos Para Compreender As Crises Financeiras Mexicana, Asiática E Russa Dos Anos  
1990: Notas Teóricas Para O Debate – Marcelo Henrick Alves dos Santos e Christiane**

**Luci Bezerra Alves**

ROCHA, Georgia de Cássia. **México: Nafta, crise do peso de 1994-95 e diretrizes de política econômica do período.** 2004. 66 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/handle/235/9802>>. Acesso em: 24 de mai. 2017.

SANT'ANNA, Luís Alexandre Iansen de. **Crises cambiais: uma análise à luz da experiência brasileira.** 2002. 75f. Dissertação (Mestrado em Economia de Empresas). Escola De Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/5408>>. Acesso em: 20 de abr. 2017.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Col. Os Economistas). Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=102926>>. Acesso em: 20 de dez. 2017.

SILVA, J. A. S. **Turismo, crescimento e desenvolvimento: uma análise urbano-regional.** 480 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-02122005-231931/pt-br.php>>. Acesso em: 27 de dez. 2017.

SILVA, Kátia José da; BASTOS, Luciana Aparecida. Avaliação dos reflexos das crises asiática e russa nas economias-membro do Mercosul: uma análise que se estende do período de 1997-2007. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – EPCT (VI. 2011: Campo Mourão, PR). **Anais...** Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar. Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2011, 15 p. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_vi\\_epct/PDF/ciencias\\_sociais/10.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/ciencias_sociais/10.pdf)>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

SPINELLI, Lucas Gebara. A violência e a luta pela autonomia em Chiapas: reflexões sobre hegemonia, coerção e consenso no movimento zapatista. In: Simpósio Lutas Sociais na América Latina (III, 2008: Londrina - PR). **Anais...** Grupo de Estudos de Política da América Latina, Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais\\_iii.html](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_iii.html)>. Acesso em: 08 de mar. 2018.

VILELA, Carolina Antunes Barata Pires. **A gestão de crises no quadro da NATO.** 2013. 192 f. Dissertação (Mestrado em Estratégia). Instituto Superior de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa, Lisboa. 2013. Disponível em: <<http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/6569>>. Acesso em: 16 de mai. 2017.